

A imagem em circulação: o acontecimento dos incêndios no Brasil e na Califórnia

The image in circulation: the occurrence of fires in Brazil and California

Marco Antônio de Oliveira Tassarotto
marcoantoniotassarotto@gmail.com

Doutor em Ciências da Comunicação (UNISINOS), pesquisador em identidades, midiatização, acontecimentos jornalísticos.

Resumo

Este estudo baseia-se em um corpus de notícias retiradas dos portais UOL e G1, coletadas através do Google, para analisar como essas mídias digitais trataram dois episódios: a seca e os incêndios florestais no Brasil (agosto de 2024) e os incêndios na Califórnia, nos Estados Unidos (janeiro de 2025). O evento brasileiro é examinado considerando a tendência de banalização do fato (Mouillaud, 2002). A pesquisa busca entender como a mídia digital enquadrava tecnicamente as imagens ligadas aos acontecimentos e, por meio de uma análise inferencial, descrever o fenômeno da estiagem. Ao ser incorporada à circulação midiática (Braga, 2012), a estiagem pode ser reinterpretada por meio do reenquadramento do acontecimento, dentro de um contexto de diferenciação (Fausto Neto, 2018).
Palavras-chave: imagens, incêndios, acontecimento midiatizado.

Abstract

This study is based on a corpus of news taken from the UOL and G1 portals, collected through Google, to analyze how these digital media dealt with two episodes: the drought and forest fires in Brazil (August 2024) and the fires in California, in the United States (January 2025). The Brazilian event is examined considering the tendency to trivialize the fact (Mouillaud, 2002). The research seeks to understand how the digital media technically framed the images linked to the events and, through an inferential analysis, describe the phenomenon of drought. When incorporated into the media circulation (Braga, 2012), the drought can be reinterpreted by reframing the event, within a context of differentiation (Fausto Neto, 2018).
Keywords: images, fires, mediatized event.

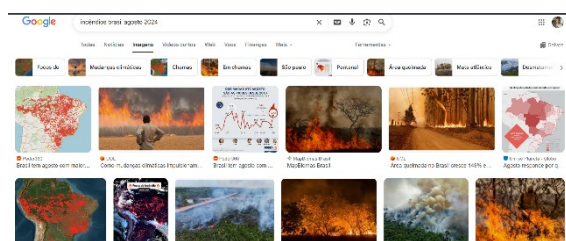
1 Introdução

O presente estudo examina a circulação de imagens nos meios de comunicação e seus impactos nos contextos sociais. Para tanto, são descritas ocorrências e análises empíricas baseadas em dois casos: os eventos de seca e incêndios registrados no Brasil (agosto de 2024) e no estado da Califórnia, Estados Unidos da América (janeiro de 2025). Inicialmente, analisa-se a incidência de dois fenômenos – um de maior amplitude no contexto brasileiro e outro, mais restrito, observado na Califórnia – ambos caracterizados por valores

noticiosos que transcendem as fronteiras tradicionais da circulação midiática.

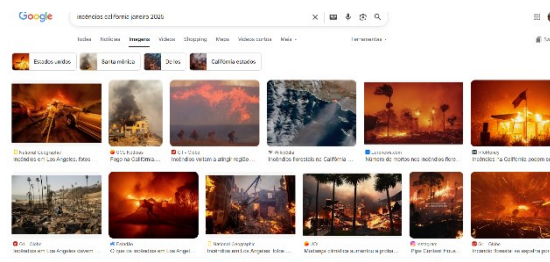
Com base nas inferências oriundas dos fluxos imagéticos produzidos e disponibilizados pelo buscador Google, observa-se que as representações dos incêndios ocorridos no Brasil, com ápice em agosto de 2024, predominaram planos abertos de grandes extensões territoriais distantes dos principais centros urbanos, característica essa que contribui para a desmobilização do interesse jornalístico. Por sua vez, o evento norte-americano registrado em janeiro de 2025 obteve maior repercussão midiática, em virtude da destruição de residências de personalidades do cinema hollywoodiano e da indústria do entretenimento dos Estados Unidos.

Figura 1 — Recorte do empírico (Brasil, agosto de 2024)



Fonte: Elaborado pelo Autor (2024).

Figura 2 — Recorte do empírico (Estados Unidos, janeiro de 2025)



Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Para entender a midiatização, é importante reconhecer que as práticas de produção estão ligadas às maneiras como damos sentido aos objetos enunciados e postos em circulação pela mídia — neste caso, as chamas e incêndios, analisados em diferentes contextos e proporções. Assim, interessa investigar como essas imagens circularam e, em quais ambientes sociais elas se fixaram ao tecido social: Quais imagens predominaram? A tragédia dos incêndios no Brasil ou nos Estados Unidos? Que tipos de imagens foram postas em disputa? As da região Norte do Brasil ou da Califórnia nos Estados Unidos? As representações visuais desses eventos não apenas documentaram fatos, mas também contribuíram para moldar percepções públicas e valores culturais, tornando-se parte do imaginário coletivo onde ganharam relevância.

Nesse sentido, é essencial analisar os efeitos gerados pelas imagens e pelas interpretações que cada pessoa absorve, pois o imaginário funciona como uma "folha em branco" que desafia o(a) pesquisador(a) a identificar uma "imagem inacessível" desse simbólico presente nas chamas dos incêndios e aquilo que foi transmitido na circulação midiática.

1.1 Aportes ao caso de pesquisa

Este trabalho, de caráter inferencial, apresenta relatos e propõe compreender, em um contexto ainda em consolidação, o modo como as informações foram comunicadas à população, ressaltando a forma como a mídia retratou e enquadrou as imagens dos incêndios ocorridos no Brasil (Figura 3) e nos Estados Unidos (Figura 4). As imagens analisadas contribuem para a construção dos acontecimentos e evidenciam operações realizadas no campo da produção midiática, posteriormente recepcionadas pelos campos sociais. A pesquisa tem como objetivo examinar o contexto dos incêndios no Brasil e nos Estados Unidos, sua fixação na circulação por meio de imagens e enquadramentos, e identificar o que essas representações podem revelar sobre os modos de produção jornalística — desde o processo de constituição até a produção propriamente dita. Analisa-se, ainda, as marcas deixadas pelos produtores dos enunciados revelados durante o acionamento do buscador do Google e, de que maneira os atores sociais interagem com esses conteúdos.

Figura 3 — Movimento de descontextualização (Brasil)



Fonte: G1 InterTv (2024).

Figura 4 — Contextualização das imagens (Estados Unidos)



Fonte: CNN Brasil (2025).

O enquadramento imagético, acompanhado da distância e por sua modelização em profundidade, compõe a percepção do mundo visível, processo este fundamental para a análise dos critérios seletivos adotados pelas empresas midiáticas, bem como para a compreensão dos mecanismos de recepção e dos sentidos atribuídos à ela. Ao destacar elementos do fluxo imagético, reconhece-se que “estamos diante de multiplicações infinitas que não exigem ou sequer apontam na direção de um modelo original” (Neiva Jr, 2006, p. 65), o sentido originário perde referências e a imagem gradativamente perde sua força de adesão.

Em uma abordagem complementar de leitura e reflexão, constata-se um fenômeno recorrente no contexto estadunidense e outro que encontra resistência, o que nos permite analisar a saturação e banalização de determinadas imagens decorrentes de sua ampla circulação midiática. Conforme observa Ana Paula da Rosa (2019), determinadas imagens, mesmo fora do circuito de visibilidade, mantêm uma espécie de “aderência à sombra”, perpetuando-se de forma significativa no imaginário coletivo, a exemplo das imagens norte-americanas.

No outro extremo desse processo de aderência está o conceito de banalização, fundamentado por Guy Debord (1967) na obra “A Sociedade do Espetáculo”. O esvaziamento de sentido, no caso das imagens dos incêndios no Brasil, pode ser compreendido como “uma visão de mundo que se objetivou” (Mattelart, 2010, p. 94), tornando tais imagens/representações em mercadorias presentes nesta fase do capitalismo orientada por algoritmos. Essa etapa, com base material e sob controle de comandos, exige aproximações e reflexões para entendermos melhor esse fenômeno.

2 Objeto em configuração: método e luz do empírico

O algoritmo representa a concretização da experiência mental e ao pesquisador(a) cabe compreender quais lógicas subjacentes presentes nessas experimentações são transpostas para a linguagem binária ou codificada. As operações abstratas dos códigos levantam reflexões sobre o impacto das imagens filtradas por sistemas fechados e não auditáveis ao mundo sensível e da experiência humana. Ainda, observa-se que o uso social dessas operações abstratas demanda uma análise mais aprofundada sobre o acesso, apropriações e validações desses

processos na circulação midiática. Para abordar esses aspectos, optou-se pela vertente netnográfica, que conforme Polivanov (2014), permite identificar fenômenos ainda em consolidação por meio das sequências (capturas de telas) obtidas a partir de plataformas digitais, como é o caso dos dados extraídos da ferramenta de busca do Google.

As capturas de tela foram realizadas em janeiro de 2025 por meio de conexão cabeada georreferenciada, sem utilização de VPN. O navegador utilizado foi o Brave Browser, com acesso à plataforma do Google por meio de conta pessoal do pesquisador. O corpus inicial é composto por 12 capturas de tela extraídas da primeira página de busca. A coleta efetuada no referido mês contemplou duas situações distintas: a definição algorítmica acerca dos incêndios ocorridos no Brasil em agosto de 2024 e a fixação da “sombra” desse evento, bem como o registro factual dos incêndios nos Estados Unidos em janeiro de 2025.

Segundo Antonio Carlos Gil (2008), os materiais extraídos são apropriados para estudos exploratórios, cuja finalidade é examinar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador ou fornecer compreensão inicial sobre o tema analisado (Gil, 2008, p. 111). A abordagem exploratória visa ao desenvolvimento, esclarecimento e aprimoramento de conceitos e ideias, facilitando a delimitação de problemas ou a criação de hipóteses para pesquisas futuras.

As imagens analisadas evidenciam conflitos de valor relacionados ao que é tornado visível e objeto de contestação entre distintas esferas sociais, conforme destacado por Ana Paula da Rosa (2019). Os incêndios ocorridos no Brasil e nos Estados Unidos inserem-se nesse cenário de disputa por significados, sendo exemplos de representações que permanecem em circulação devido à sua presença consolidada nos imaginários sociais. Ambos os eventos foram retratados e enquadrados sob perspectivas divergentes. A análise dessas imagens requer a interpretação dos sentidos e dos enquadramentos definidos pelas agências noticiosas, ressaltando os aspectos enfatizados e disponibilizados aos leitores conforme cada contexto nacional (Brasil e Estados Unidos).

Descrever e analisar as imagens em circulação significa identificar como coletivos são formados, observando os processos de diferenciação e a reorganização desses fragmentos em sínteses criadas pelas plataformas digitais. O desafio central

é entender, dentro do funcionamento dessas plataformas, quais características surgem das ações dos agentes sociais e que evidências empíricas comprovam esses traços. Tais questões refletem sobre as formas pelas quais as representações sociais se integram aos algoritmos, por meio dos dados fornecidos às máquinas, influenciando tanto o aprendizado automatizado quanto a mediação de conteúdos.

De acordo com Fausto Neto (2018), esse processo pode ser visto como uma transformação nas dinâmicas da comunicação midiática e nos modos como discursos se propagam e mudam na sociedade atual. As relações entre imagens que permanecem relevantes e aquelas que perdem significado mostram disputas onde práticas sociais e sentidos se conectam, entram em conflito e se afetam mutuamente. O chamado "gatewatch abstrato", representado pelo Google, atua como uma ferramenta criada por especialistas técnico-científicos, funcionando como um filtro extra nesse processo.

Nesse contexto, o processo de circulação midiática e a "raspagem" realizada pelo Google constituem mais uma etapa nos circuitos sociais descritos por Braga (2012). As interações dentro da própria mídia passam pelo aval da mídia tradicional e evidenciam um terceiro sistema, que se manifesta na resposta social à mediação dos acontecimentos. Em outras palavras, o Google divulga aquilo que a sociedade cria enquanto mídia e contribui para sua circulação. O ambiente digital é um exemplo desse fenômeno sociotecnológico, que permite o trabalho enunciativo das diversas experimentações sociais.

2.1 Índícios da banalização do acontecimento

Este tópico tem por objetivo estabelecer parâmetros analíticos para a compreensão do fenômeno relacionado à circulação de imagens banalizadas. A partir da análise de materialidades oriundas da mídia de massa, no caso da imprensa, verifica-se que, desde 1897, imagens vinculadas à estiagem, paisagens áridas e indivíduos afetados pela seca têm circulado amplamente no imaginário brasileiro. Naquele ano, o jornal "Estado de São Paulo" designou o jornalista e escritor Euclides da Cunha e o repórter fotográfico Flávio de Barros para a cobertura da "Campanha de Canudos". Os resultados desse trabalho jornalístico, combinados ao relato escrito de Euclides da Cunha, culminaram na publicação da obra "Os Sertões" reconhecida como um clássico da literatura brasileira e representativa da transição do realismo ao pré-modernismo.

Os registros de campo realizados por Euclides da Cunha foram complementados pelas fotografias de Flávio de Barros, que provocaram grande impacto ao documentar a estiagem, a devastação de Canudos e o corpo exumado de Antônio Conselheiro. Determinadas imagens chegaram a ser exibidas em projeções de tamanho real, apresentando aspectos inéditos do sertão baiano ao grande público das metrópoles urbanas da época. A expansão dos meios impressos nas décadas de 1930 e 1940 consolidou o imaginário social sobre as grandes secas e a migração nordestina, influenciando políticas públicas, como a criação da SUDENE em 1959.

Figura 5 — Destruição e incêndio em Canudos



Fonte: Flávio de Barros, publicado em Museu da República/Ibram/MinC (2025)¹.

Figura 6 — Corpo exumado de Antonio Conselheiro



Fonte: Flávio de Barros, publicado em Museu da República/Ibram/MinC (2025)².

¹ Disponível em: <https://museudarepublica.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/10/CronoCanudos.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2025.

² Disponível em: <https://museudarepublica.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/10/CronoCanudos.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2025.

Figura 7 — Campanha de Canudos



Fonte: Gazeta de Notícias (1898)³.

No panorama atual das redes digitais, o jornalista assume uma posição de intermediário e responsável por “filtrar” as imagens enviadas por agências e atores sociais (*prosumers*). Dessa forma, o relato jornalístico passa a ser condicionado pelos diferentes registros visuais provenientes dessas diversas fontes. Nesse contexto, nota-se uma mudança do tradicional papel de “*gatekeeper*” para “*gatewatch*”, em que o jornalista se dedica à pesquisa, coleta dados e define quais imagens serão compartilhadas tanto na mídia quanto nas plataformas digitais institucionalizadas, não impedindo a retroalimentação pelos atores/amadores.

3 Os desafios de “ler” os filtros

A premissa dos filtros e as imagens extraídas evidenciam disputas quanto à atribuição de valor ao visível (Rosa, 2019), manifestando-se tanto na adesão ao simbólico dos incêndios nos Estados Unidos (de menor abrangência) quanto no contexto brasileiro, caracterizado por sua dimensão geográfica continental.

Figura 8 — Quadro comparativo das dimensões dos dois acontecimentos⁴

Fonte: Perfil no Instagram @ibsustentabilidade (2025).

³ Gazeta de Notícias (RJ), publicação do dia 02 de fevereiro de 1898, nº 33, anunciando a projeção eletrônica das imagens da Campanha de Canudos. No anúncio, os valores empregados foram: “Curiosidade, Assombro, Horror, Miséria”. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/103730_03/17666. Acesso em: 15 jul. 2025.

⁴ Brasil em 2024 e EUA em 2025.

Segundo Erick Felinto (2011), o conceito de imaginário social refere-se à forma como traduzimos o mundo por meio de imagens criadas a partir de mitos, símbolos e representações mentais. Ao analisar os efeitos das imagens extraídas na plataforma do Google, percebe-se que as representações imagéticas da seca são fruto dessa construção mental, influenciada tanto pelo fluxo midiático quanto por outros meios, a exemplo dos livros didáticos com as imagens estereotipadas da seca (Santos; Santos, 2019). Esses recursos “didáticos” ajudaram a formar diferentes visões sociais ao retratar, por exemplo, a migração de famílias do Nordeste para o Norte e Sudeste do Brasil.

O levantamento dos incêndios ocorridos no Brasil revelou uma ampliação da área afetada. Apesar do aumento da abrangência das secas e das queimadas, a cobertura midiática registrada à época indicou níveis reduzidos de engajamento e mobilização social diante do fenômeno.

3.1 Imagens dos incêndios Brasil x Estados Unidos no Google

Os incêndios no Brasil tiveram um alcance geográfico ampliado: a seca, antes restrita ao Nordeste, atingiu também a Amazônia, o cerrado e impactou o cotidiano das cidades do Sul e Sudeste do país. Apesar disso, a cobertura midiática teve baixo engajamento e pouca mobilização social diante do fenômeno. A cobertura dos incêndios florestais no Brasil foi realizada com

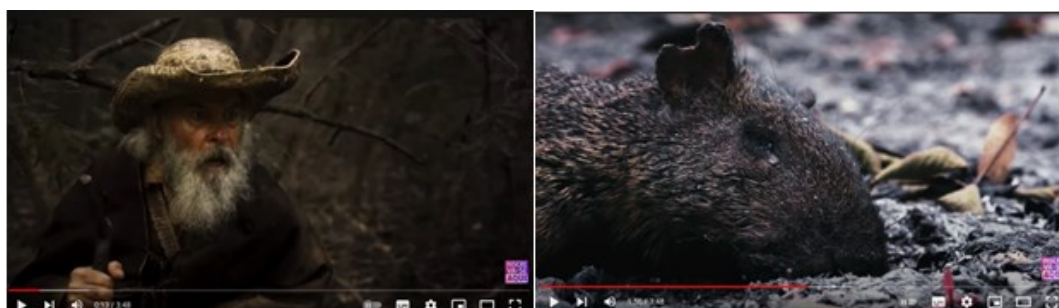
uma abordagem que destacou principalmente seu impacto sobre as populações da Amazônia Legal e regiões rurais. As imagens de satélite disponibilizadas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) evidenciam a abrangência desses eventos climáticos, sendo ambas as situações amplamente reportadas por diferentes canais digitais.

Na tentativa de compreensão deste processo de apatia social, em trabalho publicado no ano de 2022, Erick Felinto destaca que:

Não obstante a acumulação de gadgets na vida contemporânea ser também responsável pela desapareção de importantes afetos atmosféricos (efeitos de “presença” e de relações diretas com o mundo). Essas tecnologias colaboraram para nos alienar das coisas do mundo e suas presenças [...] (Felinto, 2022, p. 6).

A partir da análise de Felinto (2022), considera-se o desafio de ressignificar representações esvaziadas e banalizadas da seca. Nesse contexto, propõe-se uma retomada reflexiva fundamentada na mobilização de tecnologias e linguagens audiovisuais. Em 2022, a Rede Globo de Televisão relançou a nova versão da novela “Pantanal”, gravada no bioma homônimo, caracterizado pela recorrência de incêndios florestais criminosos. Em sequências como a exibida no capítulo 80 (22/06/2022), é possível identificar a atribuição de novos significados a imagens anteriormente banalizadas, proporcionando distintas experiências sensoriais ao público.

Figura 9 — Reenquadramento das imagens banalizadas⁵

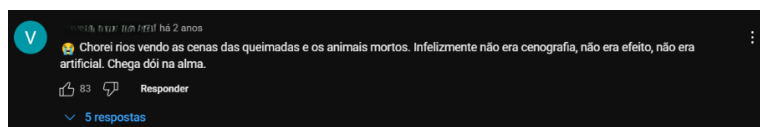


Fonte: “Pantanal”, Rede Globo (2022)⁶.

O processo de ressignificação e reposicionamento dessa imagem anteriormente considerada banal adquiriu novos significados no âmbito da produção audiovisual, conforme

evidenciado pela análise de recepção realizada por um dos atores envolvidos.

Figura 10 — Ator social em comentário sobre as cenas em primeiro plano dos animais carbonizados⁷



Fonte: Perfil no YouTube Rede Globo (2022).

⁵ Uso do primeiro plano com imagens de animais carbonizados durante as gravações da produção.

⁶ Resumo do capítulo 80 da novela “Pantanal”, exibido em 22 de junho de 2022. Consultado no YouTube.

⁷ Não eram imagens artificiais, a realidade “dói na alma”, estremece imaginários.

O comentário “Chorei rios vendo as cenas das queimadas e os animais mortos. Infelizmente não era cenografia, não era efeito, não era artificial. Chega dói na alma” mostra como as novas imagens sobre os incêndios no Pantanal, trazidas pela produção audiovisual e enquadradas em primeiro plano (zoom), impactaram o imaginário coletivo. Os corpos carbonizados dos animais não possuíam aderência na memória social, deslizaram, seguiram adiante e fizeram o “seu trabalho” – construir sentidos e mover ações, mesmo ainda restrita às redes.

4 Considerações finais

Os incêndios florestais no Brasil e nos Estados Unidos foram abordados pela mídia por meio de diferentes reenquadramentos e valores-notícia. No contexto brasileiro, as imagens veiculadas frequentemente resultam em uma banalização do evento, ao passo que, nos Estados Unidos, observa-se maior diversidade de sentidos atribuídos, incluindo aspectos como coletividade e proximidade urbana. O tratamento midiático dessas ocorrências varia conforme o contexto temporal e mediático, já que, segundo Verón (1997), a mídia constrói a realidade apresentada nos dispositivos sociotécnicos. Dessa forma, as imagens não apenas registram os fatos, mas também refletem as intenções do autor, impactando sensações e experiências do público.

Ambos os acontecimentos (EUA/Brasil) foram sustentados e acompanhados por registros visuais, reportagens, infográficos e pela presença do jornalista no local. Contudo, identificam-se diferenças claras nos valores-notícia atribuídos a cada fato, como o lugar de relato que, ao ser enquadrado, pode contribuir para fortalecer outras interpretações ou esvaziar sentidos, levando à banalização do acontecimento.

Em uma etapa subsequente do estudo, utilizando um corpus mais abrangente de materialidades, pretende-se construir categorias de análise que permitam identificar os impactos decorrentes do trabalho dos produtores e das interações estabelecidas por essas imagens midiáticas, frequentemente reinterpretadas e banalizadas.

Referências

- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jader; JACKS, Nilda Aparecida (Org.). *Mediação e Mdiatização*: Livro Compós 2012. Salvador/Brasília: UFBA/COMPOS, 2012. p. 31-52. Disponível em: <https://static.scielo.org/k64dr/pdf/mattos-9788523212056.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2025.
- FELINTO, Erick. O mito é o nada que é tudo: imaginário, atmosfera e a midiosfera. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 31., 2022, Imperatriz. *Anais eletrônicos*. Imperatriz: Compós; Galoá, 2022. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/o-mito-e-o-nada-que-e-tudo-imaginario-atmosfera-e-a-midiosfera?lang=pt-br>. Acesso em: 03 dez. 2025.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Campanha de Canudos. In: *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 33, 02 fev. 1898. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/103730_03/17666. Acesso em 03 dez. 2025.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE SUSTENTABILIDADE. Comparação da atual mancha de CO₂ gerada pelo fogo em Los Angeles com aquela de 29 de agosto de 2024 no Brasil. *Instagram*, 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/ibsustentabilidade/p/DnO6bLRwXy>. Acesso em: 03 dez. 2025.
- MATTELART, Armand & Michèle. *História das teorias da comunicação*. Trad. Luiz Paulo Roaunet. 13ª ed. São Paulo. Edições Loyola, 2010.
- MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOUILLAUD, M.; PORTO, S.D. (Orgs.). *O Jornal: da forma ao sentido*. 2ª ed. Brasília: Editora UnB, 2002. p. 49-83.
- NEIVA JR, Eduardo. *A imagem*. São Paulo: Ática, 2002.
- NETO, Antonio Fausto. Circulação: trajetos conceituais. *Rizoma*, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 08-40, 7 jul. 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/13004/7731>. Acesso em 03 dez. 2025.
- TV GLOBO. Pantanal: Velho do Rio tenta impedir que fogo se espalhe pelo Pantanal. Resumo do capítulo 80. *YouTube*, 28 jun. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7GtrUnmEZaQ>. Acesso em: 03 dez. 2025.
- POLIVANOV, Beatriz Brandão. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Esferas*, [S. l], v. 1, n. 3, 16 jul. 2014. DOI: 10.31501/esf.v1i3.4621. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621>. Acesso em 03 dez. 2025.
- ROSA, Ana Paula da. Imagens em espiral: da circulação à aderência da sombra. *MATRIZES*, São Paulo, Brasil, v. 13, n. 2, p. 155-177, 2019. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v13i2p155-177. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matriz/article/view/150455>. Acesso em: 03 dez. 2025.
- SANTOS, Rosiane Rocha Oliveira; SANTOS, José Moacir dos. O nordeste nas páginas dos livros didáticos. *Revista Com Sertões*, Salvador, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/comsertoes/article/download/3701/2682/0>. Acesso em: 03 dez. 2025.
- VÉRON, Éliséo. Il est là, je le vois, il me parle. In: BEAUD, P. et al. (Org.). *Sociologie de la communication*. Paris: Réseaux; CNET, 1997. p. 521-539.

Artigo submetido em 20/07/2025

Aceito em 18/12/2025